

POLÍTICA

GOVERNO

Presidente faz apelo ao PMDB pela unidade

Dida Sampaio/AE

Na posse de Tebet, FHC deixa claro que pretende manter partido na aliança e recebe apoio de Jader, que ameniza discussão sobre rompimento

GERSON CAMAROTTI
e ISABEL BRAGA

BRASÍLIA – O presidente Fernando Henrique Cardoso fez ontem um apelo ao PMDB pela unidade da base aliada, ao discursar na posse do senador Ramez Tebet (PMDB-MS) como ministro da Integração Nacional. “Este ministério foi pensado como um Ministério da Integração Nacional, mas também da integração da nossa base partidária”, disse, no Palácio do Planalto. “O Brasil em certos momentos não pode se dividir, tem de se unir.”

No discurso, ele também deixou claro que a escolha do novo ministro é um sinal de que quer o PMDB a seu lado. “Esse ministério foi assumido primeiro por um senador do PMDB e continua sendo de um senador do PMDB.”

Ao contrário do que ocorreu em outras solenidades, o presidente do Senado, Jader Barbalho (PMDB-PA), não ficou sentado ao lado de Fernando Henrique, mas ao lado dos ministros e governadores presentes. O fato acabou causando constrangimento para os peemedebistas. Mesmo assim, depois da cerimônia Jader defendeu a permanência de seu partido na base aliada ao Planalto. “Antes de pensarmos em 2002, temos compromissos com o Brasil de agora”, disse.

Na terça-feira, reunião de dirigentes regionais da legenda aprovou o lançamento de candidato próprio à Presidência em 2002 e incluiu a discussão sobre o rompimento com o governo na pauta da convenção nacional do partido, marcada para setembro. Segundo Jader, porém, a candidatura própria só será discutida depois da convenção nacional e a decisão final só sairá em 2002. “Não acredito em rompimento com o governo, o que não impede que tenhamos um candidato próprio se não for possível um consenso na base”, afirmou o senador, acrescentando que “ninguém pode impedir a indicação de nomes num partido do porte do PMDB.”

Ambíguo – Apesar do apelo de Fernando Henrique e das manifestações de Jader, o cli-

ma no Palácio do Planalto ontem era de desconforto com a posição ambígua do PMDB. Antes do início da solenidade, o líder do governo no Congresso, deputado Arthur Virgílio (PSDB-AM), cobrou publicamente dos peemedebistas uma definição imediata sobre a permanência do partido no governo.

“O PMDB precisa ter uma definição rápida sobre o desligamento ou não do governo; não dá para esperar até setembro”, advertiu Virgílio. “O presidente precisa reaglutinar a base. Portanto, se o PMDB quer ficar, que fique logo.” A cobrança de Virgílio reforçou a posição do governador do Ceará, Tasso Jereissati (PSDB), que no fim de semana afirmou que estava na hora de Fernando Henrique reestudar a aliança.

Denúncias – O Planalto desconfia que o PMDB está aproveitando a polêmica interna para tentar desviar o noticiário das denúncias contra Jader. Segundo um ministro próximo de Fernando Henrique, essa desconfiança cresceu depois da reunião dos dirigentes regionais do PMDB na terça-feira, que marcou para setembro a discussão sobre rompimento sem qualquer contestação dos peemedebistas governistas.

Para mostrar que esta não é uma crítica direcionada exclusivamente ao PMDB, Virgílio aproveitou para cobrar também a filiação do ministro da Reforma Agrária, Raul Jungmann, que está no PPS de Ciro Gomes. “Estou louco para abonar a ficha de Jungmann no PSDB”, provocou.

Para o líder, é preciso que todos os aliados se definam rapidamente, incluindo o PTB, que já fechou apoio à candidatura de Ciro à Presidência em 2002. “É preciso uma definição para que Tebet não fique no governo apenas três meses”, avisou.

Diante do tiroteio, Ramez Tebet assumiu o cargo pedindo unidade. Ele também garantiu não estar constrangido com a situação. “Política é enfrentar dificuldades e temos que ter a capacidade de suplantá-las”, ponderou. (Colaborou Renato Andrade)



Fernando Henrique, na cerimônia: ‘O Brasil em certos momentos não pode se dividir, tem de se unir’

VIRGÍLIO
COBRA
DEFINIÇÃO
DE ALIADOS